

A EXPERIÊNCIA LÉSBICA NA ADOLESCÊNCIA EM “VOCÊ NEM IMAGINA”

ADOLESCENT LESBIAN EXPERIENCE IN “THE HALF OF IT”

Maria Fernanda Costa Pereira¹, Wanda Mendes de Oliveira², Emerson Fernando Rasera³

¹Mestre em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.
Contato: mariaffec@outlook.com

²Mestranda em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.
Contato:
wandamendesbnorte@gmail.com

³Doutor em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.
Contato: emersonrasera@gmail.com

Resumo

Ao longo dos séculos, é possível observar como as mulheres foram constantemente moldadas por normas sociais, principalmente vinculadas a gênero e sexualidade. A linguagem desempenha um papel crucial na reprodução e perpetuação dessas normas, tornando-se pertinente explorar as formas de controle e poder nesse contexto. Assim, esse artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre a experiência lésbica na adolescência, tal como apresentada na obra cinematográfica “Você Nem Imagina”. A análise da narrativa fílmica permitiu investigar as complexidades da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória, destacando como essas normas sociais impactam a formação das identidades sexuais modernas. Ao abordar as expectativas em torno do amor e dos relacionamentos, o filme revela uma crítica à pressão para a conformidade heterossexual.

Palavras-chave: vivência lésbica; adolescência; heteronormatividade; heterossexualidade compulsória.

Abstract

Over the centuries, women have been consistently shaped by social norms, particularly those related to gender and sexuality. Language plays a crucial role in reproducing and perpetuating these norms, making it relevant to explore the dynamics of control and power within this context. This article, therefore, seeks to reflect on the lesbian experience during adolescence, as portrayed in the film *The Half of It*. The analysis of the film’s narrative enabled an investigation into the complexities of heteronormativity and compulsory heterosexuality, highlighting how these social norms influence the formation of modern sexual identities. By addressing the expectations surrounding love and relationships, the film offers a critique of the pressure to conform to heterosexual norms.

Keywords: lesbian experience; adolescence; heteronormativity; compulsory heterosexuality.

Editor-associado: Anderson Moraes Pires

Recebido em: 01/06/2025

Aceito em: 16/12/2025

Publicado em: 21/08/2026

Citar: Pereira, M. F. C., Oliveira, W. M. de, & Rasera, E. F. (2026). A experiência lésbica na adolescência em “Você Nem Imagina”. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 14(1), 71-88.

Introdução

Ao longo dos séculos, é possível observar como as mulheres foram – e são – constantemente moldadas por normas sociais. As expectativas que são impostas às suas experiências, são amplamente difundidas nos discursos culturais ao ponto que acabam sendo internalizadas, transformando-se em uma espécie de “guia de regulamentação” (Santos, 2018). Os discursos atuam por meio da instituição familiar, da prática da monogamia, da criação de uma falsa separação entre os espaços públicos e privados, e da construção de uma identidade feminina, voltada para o masculino e restritiva, definindo a identidade da mulher em termos de sua biologia específica (Rich, 2010).

Embora estejam presentes desde a tenra infância, é durante a adolescência que esses discursos ganham mais intensidade, exercendo uma notável influência nas relações interpessoais e nos caminhos individuais (Sardenberg, 2015). Em diferentes períodos históricos, a adolescência adquiriu variados sentidos, sendo um momento carregado de significado e interpretações. Considerado um estágio do desenvolvimento humano, ele é fortemente moldado por marcadores sociais de diferença, como classe, etnia, sexualidade e gênero, que ganham relevância devido à presença de uma estrutura social dominante na qual crianças e adolescentes se desenvolvem e constroem sua identidade. Nesse contexto, há uma normalização de um modelo de existência alinhado com uma ordem social que valoriza características associadas ao masculino, à branquitude e à heterossexualidade (Braga et al., 2018).

As ordens sociais são estabelecidas pela sociedade, as quais regulam e solidificam a identidade sexual dos indivíduos. Para que essas normas se concretizem, é necessário a constante repetição. Esse fenômeno é conhecido como citacionalidade. Para exercerem seu impacto, essas normas precisam ser reiteradamente citadas e reconhecidas em sua autoridade. As normas regulatórias vinculadas ao sexo possuem uma natureza performativa, significando que possuem um poder contínuo e repetitivo de criar aquilo que nomeiam (Butler, 2018). Essa repetição contínua faz com que o gênero pareça uma identidade estável e natural. Entretanto, essa identidade se apoia na repetição estilizada de determinados atos ao longo do tempo, e não em uma essência interna ou em uma identidade previamente formada e coerente (Kakoliris, 2025).

Compreende-se que a heteronormatividade atua por meio da citacionalidade e diz respeito a uma valorização e imposição da cultura heterossexual. Segundo Braga et. al (2022), as meninas, de modo geral, são educadas desde cedo a direcionar seus esforços para aprimorar aspectos estéticos, comportamentais e obedecer às regras, visando eventualmente serem selecionadas por um parceiro masculino, além de competirem entre si nesse processo. Neste sentido, a heteronorma atua na preservação de um modo de vida voltado ao casamento monogâmico e à preservação de estereótipos de gênero. As diversas facetas da vida cotidiana são permeadas pelo gênero, desde a escolha de vestimentas, até nuances de voz e expressões culturais. O gênero é encarado, então, como performativo, ou seja, é um fazer contínuo, onde o próprio sujeito é constituído de maneira variável nos e pelos atos que performa, no qual a aparência e comportamento são moldados por recursos estéticos intimamente ligados às concepções binárias de masculino e feminino (Butler, 2018; Kakoliris, 2025).

Além disso, a propagação da concepção de que o amor primário, caracterizado como “natural” e “normal”, deve se manifestar entre indivíduos de sexos opostos, é progressivamente disseminada e internalizada por meninas. Os filmes e contos de fadas, muitas vezes, desempenham e

perpetuam um papel crucial no fortalecimento dessa ideia. O matrimônio e a orientação sexual voltada para homens são impostos como componentes essenciais e inevitáveis na vida das mulheres, ainda que possam ser considerados insatisfatórios ou opressivos (Rich, 2010). Esse processo se articula ao legado do modelo de família nuclear eurocentrada, heteronormativa e sustentada por papéis de gênero rigidamente definidos, que continua sendo reforçado por discursos morais, familiares e institucionais no contexto brasileiro, operando como parâmetro de vida legítima e aceitável para as mulheres (Ramos; Nicoli & Moura, 2023). Neste sentido, a heterossexualidade é entendida como politicamente compulsória. O intenso processo de convencimento cultural, por meio de ações familiares e educacionais ou pela imposição coercitiva promovem uma submissão e devoção ao masculino, resultando na perpetuação de desigualdades sociais e de gênero (Rich, 2010).

O patriarcado, como um sistema que busca a dominação das mulheres pelos homens, tem interesse em suprimir outras possibilidades e caminhos do ser feminino que não estejam sujeitos ao controle masculino. Nesse sentido, as relações de amizade, companheirismo, partilha e comunhão de interesses e ações têm sido consistentemente omitidas da história, assim como a lesbiandade, uma vez que desafiam a hegemonia das relações hierárquicas na heterossexualidade (Swain, 2010). Dessa forma, para além de ser uma provocação e uma transgressão de normas, envolver-se romanticamente com uma mulher, dentro desse sistema, configura-se como um ato de resistência. Essa resistência se manifesta contra um estilo de vida compulsório, desafia o alegado direito masculino de ter acesso às mulheres e representa uma recusa ativa ao patriarcado (Rich, 2010).

No entanto, o processo de resistência envolve um processo de vulnerabilização, que na adolescência pode ser intensificado. Segundo Braga et. al (2018), quando jovens e adolescentes revelam sua orientação sexual aos membros da família, é frequentemente observada uma vulnerabilidade a reações adversas ou mesmo à manifestação de violência por parte dos próprios familiares. Essas reações estão associadas a um aumento significativo no risco de tentativas de suicídio e depressão. O impacto desse processo pode gerar desconforto, violência e até mesmo fatalidades, restringindo oportunidades, estabelecendo hierarquias e conferindo valores diferentes às vidas, além de impor padrões sobre o corpo e sobre o amor. Em suma, quando alguém tenta agir fora das normas de gênero estabelecidas, essa ação não esbarra apenas na força dessas normas, mas também em diferentes formas de violência social. Pode-se entender esse processo como um sistema de controle no qual além de definir quais formas de existência são consideradas legítimas, exerce punições severas sobre aqueles que ultrapassam tais fronteiras. Esse conjunto de sanções mantém os indivíduos aderindo aos comportamentos de gênero esperados, muitas vezes por medo das consequências sociais e simbólicas que acompanham qualquer desvio (Kakoliris, 2025).

Embora algumas sociedades imponham a relação heterossexual mediante coerção, nas sociedades ocidentais, a disseminação da heterossexualidade ocorre por meio de estratégias culturais (Swain, 2010). Nesse contexto, a mídia desempenha um papel significativo através da citacionalidade para sustentar tais discursos. De acordo com Lima et al. (2021), as mídias podem agir de forma pedagógica, mantendo ou questionando estruturas. Mesmo em um cenário com ampla representação do amor monogâmico e heterossexual, a mídia também pode refletir processos de visibilidade e representação de grupos considerados minoritários nas dinâmicas de poder. Esse mecanismo desenvolve estratégias de influência e facilita processos de subjetivação, intervindo na mediação, legitimação e na construção de relações do indivíduo consigo mesmo. Assim, abre espaço para novas possibilidades na formação de identidades e na desconstrução das próprias estruturas disciplinadoras.

Para Foucault (1999), o discurso transmite e fortalece o poder, assim como o desafia, revela, enfraquece e abre espaço para formas de resistência. De maneira semelhante, o silêncio e o segredo servem como abrigo para o poder, consolidando suas proibições, ao mesmo tempo em que pode afrouxar seus vínculos e permitir formas mais ou menos sutis de tolerância. Nesse contexto, a linguagem desempenha um papel crucial na reprodução e perpetuação dos sistemas de gênero e sexualidade. É nesse jogo de visibilidade e silenciamento que a mídia opera na (re)produção dos discursos sociais. Os silenciamentos e apagamentos das experiências, ainda que afetem toda a comunidade, tornam-se especialmente visíveis nas vivências de lésbicas ou bissexuais.

Narrativas e identidades lésbicas e bissexuais vivem em um subtexto representacional, no qual não são explicitamente reconhecidas ou abordadas, mas implicitamente presentes ou subjacentes nas representações culturais ou sociais. As personagens nessas narrativas, quando apresentam algum potencial de envolvimento afetivo ou sexual, costumam ter essas experiências mantidas no campo do “não dito”: permanecem apenas na esfera da sugestão ou, quando finalmente se concretizam, são punidas. Embora o subtexto tenha historicamente funcionado como um meio mínimo de visibilidade, ele também opera como dispositivo de marginalização, ao negar representações plenas e reforçar a ideia de que vidas e felicidades queer são secundárias (Jardim, 2025).

Essa ausência de representação pode desencadear o que Lima et. al (2021) chamam de “monstrualização”, que é descrito como um processo de negação do direito ao reflexo. O dispositivo midiático, enquanto uma tecnologia de gênero, por muito tempo suprimiu, apagou ou confinou pessoas LGBTQIA+ a papéis temáticos específicos. Na ficção audiovisual, a presença dessas pessoas era frequentemente limitada a personagens secundários, desprovidos de desenvolvimento narrativo, relegados a lugares e performances recorrentes.

Considerando a relevância de compreender como discursos sociais sobre gênero e sexualidade são sustentados e/ou criticados pela mídia, esse artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre a experiência lésbica na adolescência, tal como apresentada no filme “Você Nem Imagina”.

Do ponto de vista metodológico, a compreensão aqui adotada reconhece que filmes e obras culturais, para além de serem formas de entretenimento, funcionam como práticas sociais. Eles não apenas reproduzem, mas ajudam a construir e solidificar discursos sociais. As narrativas e os significados contidos nos filmes não apenas oferecem insights sobre a autocompreensão de uma cultura, mas também sobre o funcionamento da sociedade na qual estão imersos (Hioka, 2008). Nesse sentido, no âmbito das pesquisas qualitativas, os filmes podem ser entendidos como documentos analíticos, já que materiais audiovisuais expressam e, simultaneamente, produzem percepções, afetos e formas de identificação, inclusive de gênero e sexualidade. Filmes são compreendidos como um dispositivo central na fabricação e na manutenção de normas e significados de gênero, contribuindo para sua naturalização no imaginário social (Silva & Tílio, 2018).

Além disso, as reflexões proporcionadas por “Você Nem Imagina” têm implicações significativas para a prática dos profissionais de educação e saúde. Ao lidar com questões de identidade sexual e homo/lesbofobia internalizada, esses profissionais desempenham um papel crucial na criação de ambientes seguros e acolhedores para indivíduos LGBTQIA+. Eles devem estar cientes das pressões sociais e culturais que influenciam a vivência dessas identidades e serem capacitados para oferecer suporte adequado e inclusivo.

Nesse contexto, ao analisar um filme, não apenas há a exposição e compreensão de elementos do contexto social, mas também se abre espaço para a ampliação de discussões e a promoção de novas perspectivas nos discursos sociais. Ao analisar, ampliam-se as possibilidades de debate e novos enquadramentos interpretativos, contribuindo para a criação de perspectivas alternativas e para a reconfiguração dos discursos que sustentam modos de compreender a sociedade.

O Filme – Você Nem Imagina

O filme, dirigido e roteirizado por Alice Wu, uma mulher lésbica, foi lançado em 2020 na plataforma de *streaming* Netflix. Apesar de ser categorizado como uma comédia romântica adolescente, a narrativa transcende essa classificação. Em vez de se prender estritamente ao romance, a história investiga a busca por um sentido de pertencimento e a construção da coragem necessária para assumir uma identidade em meio a uma sociedade restritiva.

A trama gira em torno de Ellie Chu (Leah Lewis), uma adolescente de ascendência chinesa que reside na cidade de Squahamish com seu pai viúvo. Ellie desempenha as funções associadas ao cargo

de chefe de estação e sinaleiro. Caracterizada como uma jovem tímida e sem muitos amigos, ela busca uma renda extra escrevendo trabalhos para seus colegas.

A história se desenrola quando Paul Munsky (Daniel Diemer), um jogador de futebol americano, a aborda para escrever uma carta de amor destinada a Aster Flores (Alexxis Lemire), uma colega de escola. Apesar de inicialmente recusar, Ellie concorda para quitar uma dívida pendente. A partir desse ponto, ela inicia uma correspondência sincera com Aster, utilizando cartas e mensagens de texto. A conexão entre Ellie e Aster se desenvolve rapidamente devido aos interesses compartilhados, como arte e literatura. Ao longo da narrativa, Ellie desenvolve sentimentos por Aster, enquanto esta acredita que está se comunicando com Paul.

A narrativa desvenda a jornada de Ellie ao longo do filme, dando destaque à sua experiência como uma jovem LGBTQIA+ em uma cidade pequena e conservadora. Ellie enfrenta opressões sutis que foram tão normalizadas a ponto de, supostamente passarem despercebidas. Além disso, a trama explora as incertezas da adolescente em relação à transição para a faculdade e a perspectiva de deixar seu pai, que depende dela.

Conforme mencionado pela diretora, a essência do filme reflete suas próprias experiências amorosas. Wu defende a ideia de que, para além do amor romântico, existem outras formas de amor com o poder de transformar e inspirar. A inspiração para a narrativa surge de uma profunda reflexão sobre o amor. Além disso, ela destaca que procurou criar histórias com desfechos não trágicos como uma maneira de explorar a própria possibilidade de vivenciar narrativas com resultados felizes (Wu, 2020).

Análise

Essa análise será organizada em três seções que possibilitam uma compreensão das formas como a experiência lésbica é construída e vivenciada em meio a interações sociais e normativas culturais. Inicialmente, abordaremos a seção denominada “O óbvio invisível — as estruturas de dominação”, refletindo sobre como discursos e práticas sociais naturalizam determinados modos de ser e de se relacionar, operando de maneira imperceptível na constituição dos sujeitos e na regulação dos vínculos afetivos. Em seguida, discutiremos na seção “No amor, primeiro engana-se a si mesmo, depois aos outros — a autovigilância diante das estruturas de dominação” explora o processo interno de autocensura, examinando os processos pelos quais os personagens ajustam suas expressões e desejos em função das expectativas socioculturais. Por fim, analisaremos na seção “A pincelada ousada — as estratégias de experienciar os desejos diante das normas” que se dedica a compreender os momentos em que os personagens transgridem as normas hegemônicas e experimentam novas possibilidades de existência. Assim, o filme se configura como um convite à reflexão sobre a busca por liberdade em meio às estruturas de controle social.

A análise buscou explorar como os mecanismos de regulação social são produzidos e como se fortalecem na adolescência, manifestando-se na narrativa do filme. Paralelamente, pretendeu-se compreender de que maneiras os personagens se movimentam nesse campo de normas, exercendo agência na construção de si e na resignificação de suas experiências afetivas.

“O Óbvio Invisível” – As Estruturas de Dominação

Nesta seção, discute-se as formas como as estruturas sociais, como família, religião e a escola atuam na promoção da heterossexualidade e da heteronormatividade. O filme explora como essas estruturas atuam, de forma insidiosa, nos pequenos atos cotidianos, de uma maneira quase “invisível”, fazendo tais normas parecerem algo “natural” e “óbvio”.

O filme se inicia com uma cena de reflexão filosófica sobre o amor. Ellie, a narradora, desenvolve uma reflexão inspirada nas ideias de Platão, que concebe o amor como a incessante busca por uma totalidade perdida. Por meio dessa abordagem, o filme explora as expectativas sociais que envolvem o amor e os relacionamentos. Enquanto Ellie escreve, ela investiga a profunda dedicação e as ramificações associadas à busca pelo amor romântico e idealizado. A mitologia grega, inicialmente apresentada como uma narrativa romântica, transforma-se em um meio de questionar as normas sociais.

Neste contexto, as representações, mesmo em contos filosóficos, apresentam o amor como uma busca e uma dedicação extrema. Importa destacar que, de maneira semelhante aos princípios discutidos anteriormente, o amor é também um produto social e discursivo. Bourdieu (2012) levanta a questão sobre a possibilidade de esse discurso ser, na verdade, mais uma forma de dominação masculina e, por conseguinte, de violência simbólica – um poder simbólico que exerce uma influência invisível sobre a experiência. O filme mostra como a busca do amor é, inicialmente, assumida como uma questão feminina. Ressalta-se novamente que a ideologia do romance é disseminada entre as jovens desde a infância, por meio de contos de fadas, televisão, cinema, propaganda, canções populares e a grandiosidade dos casamentos, tornando-se uma ferramenta preexistente nas mãos daqueles que a exploram e não hesitam em utilizá-la para subjugar as mulheres (Rich, 2010).

Conforme a trama se desenrola, somos apresentados à rotina de Ellie, que abrange responsabilidades anteriormente atribuídas a seu pai, como chefe de estação e sinaleiro, além das tarefas relacionadas aos cuidados domésticos e à elaboração de trabalhos escolares para seus colegas de classe. Durante uma conversa com a professora de filosofia, esta sugere que Ellie considere uma universidade distante da cidade em que vivem. No entanto, Ellie opta por uma universidade próxima, manifestando o desejo de continuar morando com seu pai. Isso revela que, naquele momento, ela estava resignada à ideia de permanecer no papel de cuidadora de seu pai, mesmo que isso implicasse renunciar a um futuro com mais liberdade. O pai de Ellie é retratado constantemente no sofá,

assistindo filmes, enquanto cabe a ela as preocupações referentes ao sustento, cuidado e alimentação dos dois. De acordo com Rich (2010), uma das formas de poder masculino na sociedade é impor às mulheres o papel de cuidadoras. Em corroboração a isso, Maluf (2024) articula que ao corpo social da mulher foi atribuído a função central de manter, sustentar e reproduzir a família, de tal maneira que em vez de serem vistas como sujeitos autônomos, as mulheres são frequentemente tratadas como suporte da família, a estrutura que permite que ela exista e se mantenha.

Embora as autoras concentrem-se principalmente na maternidade e no papel de esposa, é possível compreender que esse poder também se estende à relação pai-filha. As mulheres são submetidas a um conjunto de forças de persuasão, controle e opressão em práticas disfarçadas sob a roupagem de afeto e amor. Ao adotar essa expressão do cuidado, o controle deixa de ser percebido como tal, resultando na contenção da potencial contra-força.

Em outro momento, Paul, um colega de classe, solicita que Ellie escreva cartas para Aster como se fosse ele. Ellie prontamente recusa, afirmando que não escreveria cartas para Aster e, em seguida, corrige dizendo que não escreve cartas para uma mulher. Nessa correção sutil, nota-se uma tensão subjacente: Ellie nutre sentimentos por Aster, e teme colocá-los em risco ao aceitar a proposta. Ao reformular sua resposta, ela busca se proteger da possibilidade de ser identificada como uma mulher que escreve cartas de amor para outra mulher, mantendo um distanciamento que a resguarda de uma exposição indesejada.

No entanto, diante da ameaça de ter sua energia cortada por falta de pagamento, Ellie concorda em escrever as cartas para Paul. Percebe-se que há uma combinação de fatores de controle, mesmo que relutante em realizar a tarefa, a personagem se submete devido ao papel de cuidadora que desempenha em casa.

Quando somos apresentados a Aster, nota-se uma adolescente que se vê impelida pelas normas de comportamento impostas às mulheres, desde a correção da postura para se portar como uma “dama” até a dinâmica estabelecida em seu relacionamento com o namorado, Trig. Ela narra como a pressão para ser considerada atraente a leva a conformar-se com as expectativas sociais. Nesse contexto, percebe-se que as mulheres são pedagogicamente instruídas, especialmente após a infância, a alinhar seus corpos à feminilidade normativa, a fim de se conformarem exclusivamente ao papel de complemento para outro sujeito, alinhado à masculinidade normativa. Dessa forma, a heterossexualidade demanda um alinhamento de gênero (Wittig, 2006).

Na tentativa de Paul de escrever uma carta a Aster, ele descreve Aster como “linda, inteligente e legal”, enfatizando o quão raro é encontrar tantas qualidades em uma garota. Braga et al. (2022) denomina esse comportamento como sexismo, uma prática que visa subjugar e inferiorizar o feminino. O sexismo pode ser tão disseminado que por vezes se torna quase imperceptível. Dessa maneira, em

primeiro olhar, a fala de Paul pode ser compreendida como um ‘simples’ elogio, no entanto, a surpresa expressa por Paul diante da existência de uma mulher que reúne tantas características positivas revela um menosprezo pelas mulheres e pelo feminino. Da mesma forma que o controle pode se manifestar sob a aparência de práticas de amor e afeto, o menosprezo pelo feminino pode se camuflar sob o disfarce de elogios.

Nesse mesmo sentido, há um destaque na forma como ambos percebem o relacionar com uma mulher. Enquanto planejam a próxima carta, Ellie adota uma abordagem mais introspectiva, buscando se expressar de maneira poética na esperança de estabelecer uma conexão mais profunda com Aster, assim sua tentativa de se conectar com Aster vai além das palavras convencionais. Por outro lado, Paul sugere que Ellie escreva simplesmente: “chama ela para curtir”. A sugestão de Paul parece indicar que, para ele, não seria necessário um grande esforço para estabelecer uma conexão e, talvez, sem querer uma conexão propriamente dita. Essa postura é interpretada como tendo uma forte influência dos preceitos da heterossexualidade compulsória, ou seja, a compreensão da submissão tradicional da mulher ao homem sugere que a construção da relação estaria garantida. A perspectiva subjacente pressupõe que a mulher estaria “naturalmente” disponível para ele, conforme abordado por Rich (2010).

A ideia de que a mulher estará disponível é demonstrada também na cena em que Ellie vai assistir a um jogo de Paul, e aproveita para pegar “yakult” quando Paul a aborda e tenta beijá-la. Cabe ressaltar que os dois personagens masculinos adolescentes, Paul e Trig, interpretam “erroneamente” os sentimentos de Ellie, acreditando que ela está apaixonada por eles, mesmo que, ao longo de toda a relação estabelecida com esses personagens, Ellie não tenha demonstrado qualquer sinal de envolvimento amoroso. Esse “equivoco” evidencia novamente como o discurso normativo da heterossexualidade impõe a centralidade aos homens, levando-os não apenas a reproduzir, mas também a internalizar essa afirmação.

Quando Ellie reage negativamente ao beijo, Aster testemunha a cena e se retira. Nesse momento, Paul compreende que Ellie é apaixonada por Aster e a confronta, dizendo que isso é inapropriado e que ela está indo pelo caminho errado, sugerindo que tal comportamento a levará para o “inferno”. Paul rompe relações com Ellie. Segundo Silva e Barbosa (2016), para pessoas extremamente ligadas à religião cristã, a heteronormatividade é um sistema perfeito, pois foi criado pela divindade e que qualquer discordância é vista não como uma falha no sistema, mas como uma corrupção de quem discorda. Revelar-se, ou ser relevado como alguém desviante é, portanto, considerado um grave pecado. Dessa forma, a igreja cristã atua na perpetuação da naturalização da heterossexualidade, na reprodução de uma heterossexualidade compulsória.

A atitude de Paul, ao romper relações com Ellie, desconsidera toda a relação de amizade pré-existente entre os dois, transformando Ellie de amiga e companheira em uma pecadora destinada ao inferno. Além disso, como apontado por Sedgwick (2007), a exposição da identidade gay/lésbica traz consigo um potencial duplo de danos, uma vez que a identidade erótica da pessoa que presencia a revelação está em grande medida envolvida no próprio ato de revelação, tornando-se suscetível a ser perturbada por ele. Essa observação tem uma aplicação abrangente, considerando que a identidade erótica é confinada exclusivamente a si mesma e que as inconsistências na identidade homossexual do século XX evocam as contradições e incoerências inerentes à heterossexualidade compulsória.

“No amor, primeiro engana-se a si mesmo, depois aos outros” – a Autovigilância diante das estruturas de dominação

Na presente seção, aborda-se a internalização das estruturas de dominação, à medida que as estratégias adotadas buscam conformidade com as normas e uma tentativa constante de adequação a elas. Isso implica em uma vigilância contínua sobre si mesmo, visando evitar a desconformidade e as retaliações que podem daí decorrer.

A conformidade com as normas oferece, em certa medida, uma possibilidade de pertencimento. Os adolescentes são compelidos a se ajustarem a esses padrões, sendo muitas vezes obrigados a negar sua identidade. Ao não performar os estereótipos de gênero e de sexualidade dominantes, isso acarretaria diversas implicações sociais, com nuances específicas que variam de acordo com o contexto de cada indivíduo (Silva & Barbosa, 2016). Percebe-se que, por meio das pressões de pertencimento e inclusão, os preceitos da heteronormatividade se sustentam e se fortalecem. Essa questão é representada na cena em que Ellie vai com Paul escolher uma roupa para apresentação. Ao escolher uma saia, Paul responde que ela está parecendo uma “menininha” e que, portanto, não se parece com ela. Ainda que durante todos os momentos retratados no filme, a personagem não tenha utilizado roupas feminilizadas, diante de uma apresentação para a escola, uma ampla exposição, ela se submete à possibilidade de se adequar às normas binárias, na tentativa de não ser percebida como uma desviante. Nesse momento do filme, Paul desconhece os sentimentos de Ellie em relação a Aster, e incentiva Ellie a vestir roupas semelhantes às que ela costumeiramente usa, ou seja, roupas que não performam feminilidade. Segundo Braga et. al (2022), essa abertura só é possível quando a mulher é lida como heterossexual. A partir do momento que a mulher passa a performar masculinidade interseccionada com a lesbianidade, o movimento torna-se incômodo. Ou seja, enquanto a perspectiva heterocentrada se mantém, é possível a flexibilidade da rigidez da norma, no entanto, quando o heterocentrismo é ameaçado, a expressão da masculinidade em mulheres é reprimida, coagida e coibida.

Durante a aula de música, enquanto Aster canta, Ellie a observa com admiração, mas essa admiração parece ser restringida de alguma forma. Em certo momento, Ellie a encara, mas rapidamente desvia o olhar, como se houvesse uma auto proibição de olhar diretamente para Aster. Apesar de ser retratada como uma personagem tímida, esse desvio de olhar pode ser interpretado como uma estratégia para ocultar os sentimentos que Ellie nutre por Aster. De acordo com Silva e Barbosa (2016), a estigmatização da homossexualidade levou indivíduos que não seguem a heteronormatividade a buscar meios de se proteger, adaptando-se à norma mesmo que isso envolva ignorar seus próprios desejos. Observa-se que o discurso, além de ser reproduzido externamente, passa a se reproduzir internamente. A vigilância em relação à sexualidade não se limita à observação do outro, mas torna-se uma autovigilância para evitar uma possível “punição”.

Observa-se que, em grande parte das cenas de interações presenciais entre Aster e Ellie, esta adota uma postura de distanciamento. A personagem manifesta um desconforto constante, como se fosse imperativo monitorar e controlar seus sentimentos para evitar que escapem. Dessa forma, Ellie escolhe assumir o distanciamento, anulando e sufocando seu interesse. Nesse contexto, há uma tentativa de controle sobre a percepção que os outros têm dela; seu corpo se enrijece diante das tentativas de aproximação, como se fosse essencial cuidar e vigiar para que seus desejos e sentimentos não transpareçam. O “armário” aqui é um mecanismo que perpetua e negocia as fronteiras entre o público e o privado. Isso molda a forma como as pessoas vivenciam suas experiências pessoais e, de maneiras muitas vezes sutis, fortalece as hierarquias sociais já estabelecidas (Sedgwick, 2007).

Em seguida, ocorre o encontro de Paul com Aster, no qual a conversa transcorre de maneira pouco fluida, embora ele demonstre estar apaixonado por ela, Paul não manifesta interesse pelos interesses específicos de Aster. Ao conversar sobre isso com Ellie, ela decide “ensinar” a Paul como se tornar a “metade perfeita” de Aster. Ele se envolve na literatura e nos filmes românticos, como se estivesse treinando, aprimorando e assimilando narrativas tradicionais que são contadas para as meninas desde a infância. Observa-se que na relação com Paul, embora Ellie goste de Aster, ela desempenha um papel de cuidado e proteção da relação que ele estabelece com Aster. Essa situação pode ser interpretada como a única forma percebida como possível para conquistar e viver uma relação com ela, mesmo que não completamente. Nesse contexto, Rich (2010) e Swain (2016) destacam que o silêncio em torno da possibilidade de relacionar-se com uma mulher sendo uma mulher enraizou-se tão profundamente nos discursos sociais que as mulheres são condicionadas a acreditar que a relação primordial precisaria ser com um homem, e que em relações que divergiam disso, caberia a repressão. Foucault (1999) observava que, diante da vigilância da heterossexualidade e repressão, pessoas homossexuais encontravam maneiras de viver sua sexualidade, mesmo que

disfarçadas ou encobertas. Entende-se que, por meio da escrita de cartas e mensagens, passando-se por Paul, Ellie encontra uma estratégia para vivenciar uma relação proibida e silenciada.

O silenciamento da relação entre mulheres torna-se ainda mais perceptível quando Ellie questiona a Paul sobre o que ele gosta em Aster. Ele a descreve como “bonita, inteligente e não má, com cheiro de farinha fresca”. Em seguida, ele indaga a Ellie: “O que mais eu poderia gostar nela?”. Quando Ellie compartilha detalhes mais vívidos, descrevendo como os olhos de Aster penetram os seus, como ela mexe no cabelo enquanto está lendo, como seu riso explode sem querer, fazendo-a deixar de ser tão perfeita por alguns instantes, e até mesmo menciona as várias vozes que Aster possui, Paul responde que o que Ellie disse é o que se diz quando se ama alguém. Nesse momento, a presença da heterossexualidade como algo autoevidente impede que Paul perceba que Ellie expressou palavras de alguém apaixonada, exatamente por estar envolvida romanticamente por Aster. A presunção da heterossexualidade é tão arraigada que essa possibilidade não é considerada por ele. Essa cena destaca como a norma heterossexual automaticamente molda as percepções, tornando difícil para aqueles que estão imersos nela reconhecerem as experiências que escapam. Há, neste sentido, o apagamento das relações de primazia e de maiores conexões que desde o nascimento ocorrem entre mulheres. Existe, portanto, a negação da realidade e da visibilidade da paixão entre mulheres (Rich, 2010).

No lago, depois de um dia juntas, tem-se o seguinte diálogo: Aster: “Acho que nunca sai com uma garota sem ficar falando de garotos”. Ellie: “Desculpa”. Aster: “É legal”. No diálogo é evidenciando a naturalização da centralidade masculina na vida das mulheres. Segundo Swain (2010), as relações sociais não foram sempre patriarcais nem exclusivamente heterossexuais, ou seja, essa centralidade nem sempre fora ocupada pelo masculino, no entanto, as relações com foco reprodutivo, de controle e poder, foram consumindo outras diversas formas de relacionamento. Neste sentido, a cena retrata a possibilidade de outros formatos de relações que não tenham como premissa a centralidade do homem. A descoberta dessa relação é descrita por Aster como “Legal”. Além disso, Aster destaca o quanto se sentiu compreendida, corroborando com o que Rich (2010), aponta sobre a potencialidade das relações femininas. Se antes as relações femininas eram interpretadas como primariamente de rivalidade, por esse olhar, as relações entre mulheres são fonte de poder e energia. O vínculo estabelecido pelas duas pode ser exemplificado pela ideia do “continuum lésbico”, termo que pode ser interpretado como abrangendo um conjunto mais amplo de relações, ao longo da vida de cada mulher, incorporando uma história de identificação feminina. Não se restringe apenas a experiências sexuais entre mulheres, mas se estende para abranger diversas formas de intensidade primária entre mulheres, incluindo o compartilhamento de uma vida interior mais rica.

O apontamento de Aster a Ellie sobre não terem falado sobre garotos, é entendido por Ellie como uma cobrança. Diante da autovigilância, ela percebe que, naquele momento, pode não ter atendido às expectativas sociais. Ao responder a Aster, Ellie incorpora à conversa o namorado de Aster, Trig, evidenciando uma tentativa de autocorreção, pressionando-se a aderir à trilha previamente definida pela norma heterossexual. Ela então, narra sobre a possibilidade de casar-se com ele, como uma aceitação de um destino seguro. Assim, aceita-se um destino, dentro das normas sociais, pela facilidade de seguir um roteiro, ao ter que se arriscar por uma relação que possa ser ousada, diferente e prazerosa.

Nesta mesma cena, destaca-se um contraste na vestimenta: enquanto Ellie usa duas blusas, Aster está desnuda, o que leva Aster a questionar a necessidade da vestimenta extra de Ellie. Esta situação desencadeia uma dinâmica em que Aster incentiva Ellie a remover a segunda blusa. A resistência de Ellie em expor seu corpo pode ser interpretada como um mecanismo de controle e de disciplina internalizada em relação à sua sexualidade. Reconhecendo sua atração e desejo por Aster, ela busca reprimir qualquer sinal que possa revelá-los.

É possível entender tal postura como decorrente da educação das mulheres, Swain (2010) aponta que a regulação dos desejos é um processo que se inicia na infância e é reforçado pelas normas sociais. As mulheres são socializadas para controlar seus impulsos e desejos, como parte da conformidade aos padrões estabelecidos pela sociedade. No caso das personagens, vemos essa dinâmica se manifestar de formas distintas. Ellie, ciente de sua atração por Aster, impõe a si mesma um controle rigoroso, reprimindo suas expressões e reações para evitar que seu desejo seja percebido. Aster, por outro lado, parece ter internalizado essa disciplina de forma ainda mais profunda, suprimindo seus sentimentos a ponto de aparentar que eles simplesmente não existem. Sua postura mais solta e sua tentativa de incentivar Ellie a se desvencilhar de sua proteção sugerem um afastamento que pode ser lido como uma estratégia de negação ou apagamento de seus próprios desejos.

O conforto de Aster com sua nudez revela uma aparente contradição que pode ser compreendida a partir de sua socialização. Mulheres criadas dentro de padrões heteronormativos podem sentir maior liberdade em relação ao próprio corpo na presença de outras mulheres, já que não percebem a ameaça da homossexualidade como uma preocupação iminente. Ao mesmo tempo, essa própria negação pode permitir interações mais íntimas que, de outra forma, seriam reprimidas caso a atração entre elas fosse assumida. Assim, Aster pode se aproximar de Ellie sem precisar enfrentar diretamente seus próprios sentimentos.

“A pincelada ousada” – as estratégias de experienciar os desejos diante das normas:

Nesta seção, foram analisadas as estratégias adotadas para vivenciar o desejo, apesar da existência das normas e da vigilância associada a elas. Foram evidenciadas as formas de resistência e de transgressão das normas estabelecidas.

Trig pede Aster em casamento em uma celebração na igreja, e Ellie não se contém e o desmascara, dizendo que sempre foi ela que escreveu os artigos dele na escola, e contradiz o que ele havia dito no pedido de casamento. O discurso de Ellie faz com que Aster reconheça que foi ela que escreveu as cartas, e deixe o local. Leite e Oliveira (2019), afirmam que ao descobrir um desejo por alguém do mesmo sexo, há a experimentação de um sentimento de estranheza, o que implica em uma desconexão com a identidade antes entendida como heterossexual. Essa estranheza se exemplifica quando Ellie procura Aster para se desculpar. Aster responde que sempre soube que a autoria das cartas pertencia a Ellie, no entanto, ainda que soubesse, ela opta por sustentar a farsa, na tentativa de manter a identidade heterossexual. Dessa forma, a permissão para se apaixonar e se envolver com uma mulher, só ocorre porque quem estava assumindo a autoria era um homem. Assim, era possível relacionar-se de forma íntima e com uma forte conexão com uma mulher, mantendo uma identidade de acordo com as normas da heterossexualidade.

Nesta mesma conversa, Aster esclarece para Ellie: “Só para constar, a ideia chegou a passar pela minha cabeça (...) se tudo fosse diferente (...) se eu fosse diferente”. Isso sugere que relações que poderiam ser vividas plenamente são forçadas a serem dissimuladas e até mesmo desintegradas sob intensa pressão. Esse cenário representa uma perda do poder das mulheres para transformar as relações sociais entre os sexos e conquistar a liberdade individual. Assim, a imposição de normas heteronormativas limita a expressão das mulheres e compromete seu poder coletivo de influenciar a dinâmica social. A escolha de estabelecer laços profundos com mulheres é invalidada e desencorajada (Rich, 2010). Essa cena se torna então uma representação visual da complexidade das relações interpessoais e das lutas enfrentadas pelas mulheres para vivenciar uma relação com outra mulher.

Ellie beija Aster, nos levando a pensar sobre a metáfora da ‘pincelada ousada’. No decorrer do filme, a arte é utilizada como metáfora para a ousadia diante de um roteiro imposto socialmente. Em uma conversa desenvolvida por Ellie e Aster, Ellie escreve: “A diferença entre uma pintura boa e uma grande pintura costuma ser cinco pinceladas: as cinco pinceladas mais ousadas da pintura. A questão é quais são as cinco pinceladas?”. Nesse sentido, Ellie ousa ao desafiar o aprisionamento de uma identidade e de uma vida prescrita. Essa ousadia é percebida não somente no beijo em Aster, mas nas escolhas que passa a assumir: decide se inscrever em uma universidade distante e mudar-se para a cidade.

Ao se mudar para a cidade, Ellie ilustra o êxodo da comunidade LGBTQIA+ de pequenas cidades para áreas urbanas. Essa migração tem sido crucial na formação das identidades sexuais modernas,

impulsionada pelo processo de industrialização e urbanização. Nas grandes cidades, as pessoas encontram espaços onde podem se reunir e expressar livremente sua atração pelo mesmo sexo. Esse movimento é motivado pela liberdade e pela capacidade de se autodefinir de maneira poderosa, proporcionando uma alternativa à conservadora atmosfera das pequenas cidades (Eribon, 2008).

O desfecho do filme não se enquadra no convencional padrão romântico, em que o casal se mantém unido em uma narrativa de felicidade perpétua. Em vez disso, o filme encerra-se com uma abertura para possibilidades futuras. Este desfecho implica que a mudança de Ellie para uma cidade de maior porte oferece-lhe a oportunidade de explorar novas experiências, interagir com pessoas que compartilham vivências semelhantes e viver seus desejos e aspirações sem as restrições típicas de uma cidade pequena. Portanto, o desfecho pode ser interpretado não como um encerramento e a conclusão de uma narrativa, mas justamente o contrário, o início dela.

Considerações Finais

A narrativa de “Você Nem Imagina” explora as complexidades da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória, explicitando como esses processos sociais impactam as experiências e a formação das identidades sexuais modernas. Ao abordar as expectativas em torno do amor e dos relacionamentos, o filme tece uma crítica à pressão para a conformidade heterossexual.

A protagonista, Ellie Chu, ao questionar a irracionalidade da busca pelo amor perfeito, expõe o modo como a heterossexualidade compulsória opera como orientação normativa que organiza expectativas e condutas. A narrativa também compõe os processos de produção de identidade de gênero e de sexualidade na adolescência, especialmente quando esses processos se articulam às pressões que sustentam a matriz heteronormativa.

“Você Nem Imagina” proporciona uma reflexão sobre as expectativas sociais em torno da sexualidade, demonstrando como a revelação da identidade sexual em uma sociedade homofóbica pode ser um ato desafiador, mas também libertador. A narrativa aponta a importância de questionar e resistir às normas que limitam a plenitude das experiências humanas, especialmente no contexto das relações amorosas e da construção da identidade.

Cabe destacar, como limitação do filme, a representação das duas personagens principais: Ellie e Aster. Enquanto Ellie performa masculinidade, Aster é representada expressando feminilidade. Essa representação revela que a forma como o filme aborda as personagens ainda é permeada pelo binarismo e pela heteronormatividade. Isso indica que os discursos e normas socialmente estabelecidos estão tão arraigados e difundidos que mesmo em filmes que buscam contar histórias de personagens LGBTQIA+, evidenciando os desafios da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória, persistem aspectos binários influenciados por essas normas.

Como limite dessa análise, cabe reconhecer o fato de não contemplar elementos da cultura asiática. Embora ofereça uma perspectiva valiosa sobre as dinâmicas sociais ocidentais, pode não refletir adequadamente as experiências e desafios enfrentados por pessoas LGBTQIA+ em contextos culturais diferentes, incluindo aqueles que são influenciados por tradições e normas distintas.

Essa lacuna destaca a necessidade de novos estudos que explorem a lesbiandade na adolescência em diversas culturas. Ao ampliar o escopo de investigação e representação, podemos obter uma compreensão mais abrangente das experiências de jovens LGBTQIA+ e desenvolver abordagens mais inclusivas e sensíveis às suas necessidades específicas em diferentes contextos culturais.

Referências bibliográficas

- Bianchi, N. S. (2017). Em busca de um cinema lésbico nacional. *Revista Periódicus*, 1(7), 236–247. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.21669>
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (2ª ed.). Bertrand Brasil.
- Braga, I. F., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Mello, F. C. M. D., & Silva, M. A. I. (2018). Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 1220-1227. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Braga, K. D. D. S., Ribeiro, A. I. M., & Caetano, M. R. V. (2022). Lesbofobia familiar: Técnicas para produzir e regular feminilidades heterocentradas. *Pro-Posições*, 33. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0082>
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (20ª ed.). José Olympio.
- De Lauretis, T. (1996). La tecnología del género. *revista Mora*, 2, 6-34.
- Eribon, D. (2008). *Reflexos Sobre a Questão Gay*. Campo Matemico.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (13ª ed.). Edições Graal.
- Hioka, L. (2008). A subversão da heteronormatividade no filme O Segredo de Brokeback Mountain. *Revista Ártemis*, 8. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2309>
- Jardim, D. (2025). “Você é minha pessoa favorita”: Um olhar sobre a série *Heartstopper* e a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ em séries e filmes da cultura pop” [Dissertação de mestrado]. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Kakoliris, G. (2025). Judith Butler on Gender Performativity. *Dia-Noesis: A Journal of Philosophy*, 17(1), 57–74. <https://doi.org/10.12681/dia.41735>
- Leite, K. A., & Oliveira, R. B. D. (2019). Amor entre amoras: A vivência lésbica nos contos de Natalia Borges Polezzo. *Trama*, 15(36). <https://doi.org/10.48075/rt.v15i36.22347>
- Lima, C., Costa, M., Januário, S. M. B. B., Cavalcanti, G. K. M., Gouveia, D. M., & Santos, T. O. C. D. (2021). Dispositivo pedagógico da mídia e representações de gênero e sexualidade em: *She-Ra*

- and the Princesses of Power. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”*, 15(1). <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.10119>
- Louro, G. L. (2011). Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação docente—revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores*, 3(4), 62-70
- Maluf, S. W. (2024). Políticas da família, neoliberalismo e conservadorismos no Brasil. Em H. B. de Almeida & C. E. Henning (Orgs.), *Desafios e resistências em gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo* (pp. 38–67). Cegraf UFG.
- Millward, L., Dodd, J. G., & Fubara-Manuel, I. (2017). *Killing off the lesbians: A symbolic annihilation on film and television*. McFarland
- Ramos, M. M., Nicoli, P. A. G., & Moura, S. N. C. (Eds.). (2023). Estudos de gênero e sexualidade em um Brasil em transe. São Paulo, Brasil: Dialética.
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(05)
- Santos, C. G. D. (2018). *A Bruta Flor do Querer: amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas* [Dissertação de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Sardenberg, C. (2015). Caleidoscópios de gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 20(2), 56. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p56>
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28 (19). 19-54. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>
- Silva, B. C. A. da, & Tilio, R. de. (2018). O segredo de Brokeback Mountain e Boi Neon: Paisagens, masculinidades e normatividades de gênero. *La Ventana. Revista de Estudios de Género*, 6(48), 168–205. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362018000200168&lng=es&tlng=pt
- Silva, L. V., & Barbosa, B. R. S. N. (2016). Sobrevivência no Armário: Dores do Silêncio LGBT em Uma Sociedade de Religiosidade Heteronormativa. *Estudos de Religião*, 30(3), 129–154. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v30n3p129-154>
- Swain, T. N. (2010). Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(05)
- Swain, T. N. (2016). Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. *Esboços*, 11-24.
- Tavares, A., & Alves, L. K. (2010). Representação da personagem Ennis Del Mar no filme O Segredo de Brokeback Mountain: identidade e heteronormatividade. *Travessias*, 2(3)
- Tilio, R. de (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*, 14(2).

- Vieira, P. J. (2011). Mobilidades, Migrações e Orientações Sexuais: Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. *Ex aequo*, (24), 45-59. http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Wittig, M. (2006). *El pensamiento heterossexual*. Editora Egales.
- Wu, A. (Diretor). (2020, maio 1). *The Half Of It*. Netflix.
- Wu, A. (2020, May 25). The Whole Story: An Interview With The Half Of It Writer/Director Alice Wu. (G. Shapiro, Interviewer) [Review of The Whole Story: An Interview With The Half Of It Writer/Director Alice Wu]. *Baltimore Out Loud*. <https://baltimoreoutloud.com/wp/the-whole-story-an-interview-with-the-half-of-it-writer-director-alice-wu/>